

*Podemos dizer que a trajetória da Missa é reveladora, pois demonstra as transformações pelas quais Milton Nascimento, o Brasil e a Igreja Católica Apostólica Romana passaram entre os anos 70 e 90 do século XX.*

**Edison Minami**

# Milton Nascimento e o diálogo inter-religioso na Missa dos Quilombos\*

## *Milton Nascimento and inter-religious dialogue in Missa dos Quilombos\*\**

EDISON MINAMI\*\*\*

### Resumo

O presente artigo procura mapear aspectos pouco conhecidos da vida e obra de Milton Nascimento por meio da análise de um de seus discos mais emblemáticos, a *Missa dos Quilombos* (1982). O LP remete a uma série de temas dominantes nos anos 70 do século XX, como o *movimento de consciência negra*, o *ecumenismo* e o *diálogo inter-religioso*, o *catolicismo popular*, além de abordar a questão do *nacional-popular* – a *MPB (Música Popular Brasileira)*. O artigo pretende mostrar que Milton Nascimento, tradicionalmente rotulado de alienado ou de músico de elite, dialogou com diversos grupos do catolicismo ao longo de sua carreira, em particular com a *Teologia da Libertação (TdL)*, que atuava naqueles

anos baseando-se na *opção preferencial pelos pobres*, aplicada em todo o continente após o *Encontro Episcopal de Medellín* (1968).

### Palavras-chave:

Consciência negra; Ecumenismo; Diálogo inter-religioso; Vaticano II; Teologia da Libertação.

### Abstract

The scope of the present article is to map out unknown aspects of Milton Nascimento's life and works through one of his most emblematic records, "*Missa dos Quilombos*" (Mass of the Quilombos), from 1982. The LP addresses the main themes of the

\* O presente artigo faz parte de um trabalho maior, tese que ainda se encontra em andamento, intitulada *Casamento misto e ecumenismo em São Paulo (1958-1978)*. Todas as vezes em que for citado o LP *Missa dos Quilombos*, ele será chamado simplesmente de *Missa*.

\*\* This essay is a part of another paper called *Mixed marriage and ecumenism in Sao Paulo (1985-1978)*. *Missa dos Quilombos* will be simply called *Missa* when cited throughout this essay.

\*\*\* Doutorando pelo programa de História Social do DH-FFLCH-USP com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil); edison.minami@hotmail.com

seventies decade of the twentieth century, like the *movement of the black conscience*, the *ecumenism* and *inter-religious dialogue*, the *popular Catholicism*, apart from the *national-popular* approach – the *MPB (Brazilian Popular Music)*. Traditionally considered as alienated or an elitist musician, the article intends to show that Milton Nascimento dialogued with several Catholic groups during his career, especially with the *Theology of Liberation (TdL)*, which acted at that period of time based on its preference for poor people, used throughout the continent after the *Medellin Episcopal Meeting in 1968*.

## Keywords:

Black conscience; Ecumenism; Inter-religious dialogue; Vatican II; Theology of Liberation.

Um aspecto pouco abordado nos trabalhos sobre a *MPB (Música Popular Brasileira)* é o da influência da religião na obra dos artistas. Em programas de TV e documentários, esses aspectos permanecem ocultos, colocando-se em relevo a militância política e a formação intelectual como pontos principais.

Milton Nascimento surge como uma das poucas exceções, além de Tim Maia (2006), de artista cuja vivência religiosa influenciou a produção de um disco inteiro – no caso de Milton, o LP *Missa dos Quilombos*, inteiramente dedicado à temática da exclusão do afro-descendente.

Entre os anos de 1962 e 1965 foi

celebrado o *Concílio Vaticano II*, que reformou a Igreja Católica por meio de documentos que recomendavam a unidade dos cristãos, o diálogo com as religiões não-cristãs, a reforma da liturgia, a abertura da Igreja ao mundo moderno e sua atualização. Essa abertura marcou a aproximação dos católicos com grupos encarados até então como inimigos: protestantes, ortodoxos gregos, judeus, muçulmanos e até umbandistas. Prova desses novos tempos é a trajetória do *Secretariado Nacional de Defesa da Fé*, órgão oficial da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)*, que publicou uma série de brochuras nas quais condenava o espiritismo kardecista e a umbanda. Após o Concílio, o Secretariado foi extinto e deu lugar à chamada *Linha 5 – Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso* da CNBB.

O Concílio também recomendou a adaptação da liturgia católica às comunidades, o que nos anos 70 foi denominado *inculturação* do Evangelho. A proposta da inculturação refere-se à adaptação da mensagem do Evangelho às culturas. O termo vinha sendo utilizado desde o período conciliar, mas ganhou destaque a partir da encíclica do papa Paulo VI, *Evangelii nuntiandi* (1999, n. 20):

*O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas.*

*A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da*

*nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada.*

Coloca-se o desafio de adaptar as culturas (diversidade) à mensagem ecumênica do Evangelho (universalidade). Curiosamente, o termo foi adotado tardiamente na América Latina, devido à ênfase na opção preferencial pelos pobres, surgida nos documentos finais do *Encontro de Medellín, Colômbia (1968)*, e do *Encontro de Puebla, México (1979)*, ponto de partida para a prática da *Teologia da Libertação (TdL)* em todo o continente. A inculturação só se tornou termo recorrente a partir do *Encontro de Santo Domingo, República Dominicana (1992)*.

A TdL foi o resultado de várias tendências: a teologia liberal do século XIX, o movimento *Cristãos para o Socialismo (CpS)* nos anos 1960, a atuação de precursores protestantes e católicos como Richard Shaull, Rubem Alves<sup>1</sup>, Frei Carlos Josaphat, D. Hélder Câmara. Assim surgem as obras inaugurais do movimento: *Teologia da Libertação (1970)*, de Gustavo Gutiérrez, e *Jesus Cristo libertador (1971)*, de Leonardo Boff. O ideal, segundo a TdL, é o homem do povo ler a Bíblia

e, após relacionar o texto sagrado com sua realidade, agir socialmente em busca da transformação social.

No Brasil, as CEBs (*Comunidades Eclesiais de Base*) seriam os locais onde essa leitura seria realizada. Segundo Mainwaring (1989, p. 127):

*Uma CEB é um grupo pequeno (com uma média de 15 a 25 participantes) que geralmente se reúne uma vez por semana, usualmente para discutir a Bíblia e sua relevância face às questões contemporâneas. Seus membros são responsáveis pelas cerimônias religiosas do grupo, assim como por muitas decisões. No Brasil, ao contrário do que ocorreu na América Central, as CEBs foram, quase em sua maioria, criação de sacerdotes ou freiras. Desde o início, as CEBs brasileiras estavam intimamente ligadas à Igreja institucional. Através de publicações religiosas e de uma ocasional, mas importante, participação do clero nos encontros das CEBs, manteve-se uma ligação estreita entre o clero e as CEBs.*

Essa visão peculiar de seu papel desdobrou-se em definições muito particulares acerca do povo, do pobre e do fiel. Ainda segundo Mainwaring (ibid., p. 187):

*(...) a missão pastoral é trabalhar no sentido da criação do reino de Deus, embora essa tarefa não possa ser concluída na Terra. Isso exige um esforço para se construir uma ordem social justa, de relações mais igualitárias e um respeito fundamental por todos. A Igreja popular acha que de*

<sup>1</sup> A discussão acerca de uma origem protestante da TdL está circunscrita aos círculos teológicos. Para mais informações, ler Campos Júnior (2003).

*contribuir para esse processo.*

Tanto a TdL quanto as CEBs procuram essa vivência de um cristianismo prático calcado nos problemas sociais do mundo.

O LP *Missa dos Quilombos* também foi gestado em um momento de crise do modelo de MPB (*Música Popular Brasileira*) baseada no conceito de *nacional-popular*. O conceito de nacional-popular teve sua origem nos anos 30 do século XX, mas ganhou roupagem à esquerda a partir dos anos 60. Um exemplo dessa reorientação foi a criação do *Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE (União Nacional dos Estudantes)*, surgido em 1962. O CPC tinha a pretensão de criar uma cultura popular que, ao mesmo tempo, levasse a uma consciência dos problemas sociais brasileiros. Mas, segundo Chauí (1980, p. 75), no CPC:

*O povo é apresentado como essencialmente bom, pacífico, sedento de justiça, disposto a organizar-se porque portador do sentimento de comunidade e de coletividade, e a nação é apresentada sob a forma do sentimento nacional e do direito à autodeterminação contra as forças poderosas e maléficas que a empobrecem e enfraquecem.*

Segundo Chauí (ibid., p. 90), os membros do CPC entendiam que:

*A arte do povo não é arte porque é 'tentativa tosca e desajeitada de exprimir fatos triviais dados à sua sensibilidade embotada', ingênua, lúdica e ornamental. A arte popular não tem 'dignidade artística' porque é passatempo, distração vital, arte dos senhores para o povo e, portanto, conformista. A arte do CPC, em troca, é*

*popular e revolucionária porque seu ponto de partida é a consciência da essência do povo como o sem-poder na sociedade. Por isso é arte política.*

O CPC não sobreviveu ao *Golpe Militar de 64*, mas seus integrantes continuaram atuando, forjando toda uma geração que solidificou o conceito de MPB dentro da idéia de engajamento político. O *Ato Institucional N.º 5 (13/12/1968)* inaugurou um momento de inflexão para o nacional-popular, devido à saída de cena de muitos desses artistas e intelectuais causada pelo exílio, pela prisão ou mesmo pelo ostracismo provocado pela censura. Para os jovens artistas surgidos a partir de 1968, a chamada *Geração AI-5*, incluindo os integrantes do *Clube da Esquina* (o círculo de músicos, compositores e amigos de Milton Nascimento), houve uma convivência forçada com a censura e a crescente mercadorização do mundo fonográfico.

Marcelo Ridenti (2000, p. 346-347) lembra que alguns integrantes do Clube, como Márcio Borges e Ronaldo Bastos, tinham ligações com grupos da luta armada, tendo Bastos vivido no exílio algum tempo devido à pressão dos militares. Essa seria a origem do pensamento contestador em diversas composições. Segundo Borges (2002, p. 317):

*Fernando [Brant] não queria mais produzir, por causa da censura. Ronaldo [Bastos] assumiu a frente da produção artística não só nesse disco mas pelos anos seguintes. Para esse trabalho, os músi-*

*cos seriam os mesmos de sempre. O grande amigo do momento era Beto Guedes. Foi o período mais aberto de que me recordo de o presenciar vivendo em relação aos aspectos políticos, estéticos e filosóficos da vida. Bituca [Milton Nascimento] realmente queria fazer alguma coisa, reagir de alguma forma aos arbítrios da censura, no nosso caso particular, e dos Atos Institucionais, que tanto mal espalhavam pelo Brasil inteiro.*

Marcos Napolitano (2004, p. 314-315) apresenta os dilemas dos artistas e intelectuais dessa época da seguinte forma:

*a) uma crise político-ideológica acerca da sua função/identidade na sociedade, cerceado pelo Estado autoritário e desprestigiado pela esquerda ativista; b) uma tendência (...) de buscar espaços massivos e artes de espetáculo para fazer com que sua 'palavra' chegasse ao 'povo'; c) uma demanda por profissionais e artistas por parte da indústria da cultura e dos meios de comunicação. A confluência destes três processos, no início dos anos 1970, fez com que artistas de esquerda continuassem desempenhando um papel importante na chamada 'resistência', mas cada vez mais associado às formas mercantilizadas de expressão das suas idéias (...).*

As duas biografias de Milton não esclarecem se ele era um músico popular ou não. De qualquer modo, os LPs *Clube da esquina* e *Milagre dos peixes* já apresentavam uma profissionalização na sua carreira. Exemplo disso foi a concepção do LP *Clube da esquina*, um dos primeiros discos duplos do mercado

nacional, que consumiu quatro meses de retiro no litoral do RJ, juntamente com Lô Borges e Beto Guedes, tudo custeado pela gravadora. O restante do tempo havia sido consumido nos encontros com praticamente todos os amigos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A liberdade de criação para esse álbum só demonstra a confiança da gravadora no lucro certo.

Mas o LP *Missa dos Quilombos* fuge desses rótulos. Apesar de ter se tornado disco – e, logo, mercadoria com valor agregado – esteve desde a concepção vinculado a um grupo determinado, o afro-descendente. Tinha um apelo popular: as referências aos deuses da Umbanda, à discriminação racial, à história da escravidão negra não podem ser ignoradas, mas o LP não tinha a pretensão de ser nacional.

Um primeiro aspecto a ser lembrado na vida de Milton é o do racismo. De acordo com Maria Dolores e Márcio Borges, quando criança fora proibido de guiar procissões e sequer pôde participar da festa de formatura em que havia sido o orador (DOLORES, 2007, p. 30-31; BORGES, 2002). Segundo Borges, apenas com o segundo lugar no FIC (*Festival Internacional da Canção*) permitiram-lhe a entrada.

Outro ponto importante é o *catholicismo popular*<sup>2</sup>. Aqui foi forte a influência familiar e musical de sua mãe, D. Lília, que desde cedo incentivou a cultura musical. Desde criança ele e a mãe se apresentavam na porta da igreja (DOLORES,

2007). Lamentavelmente os dois biógrafos não falam sobre esse aspecto de sua vida; insistem na questão da mediunidade (DOLORES, 2007, p. 319-325; BORGES, 2002, p. 255-256) e deixam de lado a matriz católica de sua religiosidade e obra artística.

Embora encontrando sinais de afastamento da religião na fase inicial de sua carreira, como na letra de *Crença* (NASCIMENTO, 2002), a própria confecção da capa do disco *Milton Nascimento (1969)* mostrando uma procissão de *Corpus Christi*; no mesmo disco a abertura da faixa *Beco do Mota* com um coro de igreja; e trabalhos posteriores como o LP duplo *Clube da Esquina dois* apresentavam composições que se referiam diretamente ao catolicismo, como a procissão de *Corpus Christi* (id., 1994):

*Já bate o sino, bate na catedral/  
E o som penetra todos os portais/  
A igreja está chamando seus fiéis/  
Para rezar por seu senhor/  
Para cantar a ressurreição/  
E sai o povo pelas ruas a cobrir/  
De areia e flores as pedras do chão/  
Nas varandas vejo as moças e os lençóis/  
Enquanto passa a procissão/  
Louvando as coisas da fé/  
Velejar, velejei/  
No mar do Senhor/  
Lá eu vi a fé e a paixão/  
Lá eu vi a agonia da barca dos homens/  
Já bate o sino, bate no coração/  
E o povo põe de lado a sua dor/  
Pelas ruas capistranas de toda cor/  
Esquece a sua paixão/  
Para viver a do Senhor (Paixão e fé. Tavinho Moura - Fernando Brant).*

O encarte de um disco posterior, como *Caçador de mim (1981)*, demonstrava que essas inspirações apareciam com frequência. O auge dessa tendência começou com o disco *Sentinela (1978)* e sua faixa título. Durante a concepção do disco, Milton gravou o coro dos monges beneditinos do Rio de Janeiro, experiência que ele iria aproveitar para a produção da *Missa*. Segundo Dolores (2007, p. 233-236), em meados dos anos 60 ele teria conhecido alguns frades dominicanos em um cinema de BH. Quando da regravação de *Sentinela*, Milton Nascimento foi informado de que a tradição musical sacra católica era dos monges beneditinos, o que fez com que ele os procurasse para as gravações. A qualidade da gravação impressionou Milton e o produtor Mazzola.

Em 1979, Milton Nascimento assistia, na cidade de Goiânia-GO, à celebração da *Missa da terra sem males*, criação de D. Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, um projeto do CPT (Comissão Pastoral da Terra) para a revalorização da cultura indígena, balão de ensaio para *Missa*. Nessa ocasião, D. Hélder Câmara havia pedido a preparação de uma missa dos negros, para completar assim um projeto de liturgia para os excluídos. Assim começou a nascer a versão original de *Missa*, com D. Casaldáliga pedindo que Milton fizesse os arranjos musicais. No ano

<sup>2</sup> A bibliografia sobre o fenômeno é extensa, mas podemos definir o catolicismo popular como de muita reza (sentimentalismo) e pouca missa (doutrina), ou seja, o predomínio da emoção sobre a doutrina tradicionalista e racional europeia. Sobre o impacto sociológico do catolicismo popular na mentalidade brasileira, a referência principal é o clássico livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Para uma análise histórica baseada nas ciências da religião, recomendamos Faustino (1996).

seguinte, Milton começou a trabalhar as letras para o disco, o que só foi finalizado um ano depois devido a diversos compromissos: shows e a gravação do referido disco *Caçador de mim*, o disco mais politizado da carreira de Milton, segundo Ridenti (2000, p. 346-347). Não é coincidência o LP *Caçador de mim* ter sido produzido simultaneamente a *Missa*, pois ambos os trabalhos tinham temáticas próximas: o resgate do nacional-popular, em *Caçador*, e a luta contra a exclusão do afro-descendente, em *Missa*.

Somemos isso ao fato de Milton Nascimento se encontrar no auge de sua popularidade e prestígio, coroadando uma carreira que evoluíra de *crooner* em Belo Horizonte, MG, passando a 2º colocado no *FIC (Festival Internacional da Canção)* de 1967, com seu primeiro sucesso, *Travessia*, e cantor nos álbuns *Clube da esquina* e *Milagre dos peixes*, lançados em 1972 e 1973, cartões de visita para o mercado internacional.

Com a finalização das letras da *Missa*, D. Hélder marcou uma celebração na cidade de Recife, PE, no mesmo local onde Zumbi dos Palmares foi enforcado em 1695. Foi nessa ocasião que D. Hélder fez a *Invocação a Mariama*, que se tornou a faixa final do disco. A repercussão positiva fez Milton decidir transformar a *Missa* em LP. O local escolhido para as gravações foi o *Seminário do Caraça – MG*. Além de

marco do barroco tardio em Minas Gerais, o seminário do Caraça foi irradiador do *catolicismo iluminista*, influenciado pelo racionalismo teológico de fins do século XVIII, cujo centro difusor, no mundo de língua portuguesa, era a *Universidade de Coimbra* em Portugal<sup>3</sup>.

Para lá o produtor Mazzola levou toda a aparelhagem de gravação, mas quando coro, técnico e músicos já se encontravam na igreja, a decepção: a acústica do local era péssima. Na calada da mesma noite a solução foi isolar a percussão com colchões e travesseiros do seminário e colocar o coro e demais músicos de um lado da nave da igreja e Milton Nascimento, sozinho, do outro. E mesmo assim a qualidade sonora foi prejudicada.

Por questões de espaço apresentamos apenas um exemplo, o *Rito da Paz*, quando os fiéis se cumprimentam dizendo: *A paz de Cristo*. Nessa hora é comum um acompanhamento musical, que na *Missa* ficou assim:

*Saravá/ A-i-ê/ Aba.*

*A Paz d'Aquele que é/ nossa Paz!*

*A Paz que o povo fará*

*Saravá/ A-i-ê/ Aba.*

*A louca esperança/ de ver todo irmão/ caindo na dança/ da vida/ cantando, vencida/ toda Escravidão!*

*Vai ser abolida/ a paz da Abolição/ que agora temos/ E contra a paz cedida/ a Paz conquistada*

<sup>3</sup> Para saber mais, recomendamos o livro de Wernet (1987)



teremos!!!

*Saravá,/ do novo Quilombo de amanhã/ A-i-ê, dessa 'festa de todos' que virá! (NASCIMENTO, 1995)*

O rito da paz não abordou o mundo presente, mas tratou diretamente da catarse coletiva e a chegada do mundo que virá. Fica a dúvida se esse Paraíso será nesse mundo, ou depois de realizado o Apocalipse.

A Missa pode ser interpretada como um esforço de unir liturgia católica e cultura afro. Essa hipótese é reforçada pelo fato de destacados bispos terem participado da concepção e celebração da Missa, não sendo possível supor que eles estivessem alheios a esse debate. Os desdobramentos provocados pela Missa apenas podem ser conjecturados, já que as duas biografias de Milton Nascimento tratam esparsamente do assunto. De qualquer modo, durante as gravações no Seminário do Caraça, D. Ivo Lorscheiter recebeu carta da *Sagrada Congregação para o Culto Divino e os Ritos*, órgão curial do Vaticano, proibindo a celebração tanto da Missa dos Quilombos quanto da Missa da terra sem males (Comunicado mensal da CNBB, 1982):

*(...) a celebração eucarística deve ser somente memorial da morte e ressurreição do Senhor e não reivindicação de qualquer grupo humano e racial.*

*(...) embora seja apreciado o zelo de arrependimento e de reparação que quer exprimir, não pode fazer este Dicastério desistir de emitir um julgamento e de não*

*permitir para o futuro atos semelhantes à chamada 'Missa dos Quilombos'.*

O fato de a Sagrada Congregação ter enviado uma carta a um bispo em particular, e não ter proclamado uma resolução formal por meio de seu órgão oficial, a *Acta Apostolicae Sedis (AAS)*, nem por meio do jornal oficioso *L' Osservatore Romano* é elucidativo, pois pode demonstrar que havia uma proibição, mas não uma condenação. Essa constatação se deu após consultarmos os arquivos da *Biblioteca dos Padres Redentoristas* (Rua Oliveira Alves, 164. Ipiranga – SP). O fato de apenas o *Comunicado Mensal da CNBB* mencionar a carta reforça a suspeita de que a proibição valeria apenas para o Brasil. Surpreendentes foram as reações de parte dos simpatizantes da Teologia da Libertação. Segundo Hoornaert (1981, p. 816):

*Essa Missa dos Quilombos certamente não brotou das bases negras do povo nem da prática eclesial das comunidades de base mas sim da sensibilidade de alguns intelectuais. Aí está a precariedade desta celebração: será que ela realmente terá o impacto histórico que os mais entusiasmados lhe atribuem? Qual pode ser sua funcionalidade no catolicismo histórico dentro do qual estamos inseridos? Há indícios de que esta celebração pode vir a ter desdobramentos no nível das práticas eclesiais na base? Quais seriam estes indícios?*

Hoornaert criticou o LP num todo, argumentando que ele era fruto do trabalho de intelectuais e estaria

fora da proposta da *Igreja Popular*, sendo a Missa dos Quilombos uma aberração. No mesmo ano de 1982, iniciou-se na Arquidiocese do Rio de Janeiro, RJ o processo contra Leonardo Boff, naquele momento um dos nomes mais destacados da Teologia da Libertação. Condenado, Boff apelou da sentença da Arquidiocese, levando o processo para a mais alta instância jurídica católica, a *Rota Romana* no Vaticano. Lá o juiz do processo passou a ser o recém-eleito cardeal Joseph Ratzinger (futuro Bento XVI), presidente da *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*. O processo, concluído em 1984, resultou na condenação de Boff a um ano de *silêncio obsequioso*, sem poder lecionar, publicar livros e artigos. No mesmo ano de 1984, um documento tornou-se a primeira condenação sistemática da *Teologia da Libertação*. Segundo a *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé* (1984, p. 5-6):

*(...) diante da urgência dos problemas, alguns são levados a acentuar unilateralmente a libertação das escravidões de ordem terrena e temporal, dando a impressão de relegar ao segundo plano a libertação do pecado e, portanto, de não atribuir-lhe praticamente a importância primordial que lhe compete. A apresentação dos problemas por eles proposta torna-se, por isso, confusa e ambígua. Outros, com a intenção de chegar a um conhecimento mais exato das causas das escravidões que desejam eliminar, servem-se, sem a suficiente precaução crítica, de instrumentos de pensamento*

*que é difícil, e até mesmo impossível, purificar de uma inspiração ideológica incompatível com a fé cristã e com as exigências éticas que dela derivam.*

A Sagrada congregação procurava mostrar que a mensagem evangélica é incompatível com ideologias políticas, mesmo o marxismo com sua proposta de luta contra a alienação do trabalhador, sua busca por uma igualdade entre os homens.

Milton Nascimento certamente acompanhou toda essa discussão com apreensão. Condenado oficialmente pela Igreja, o projeto *Missa dos quilombos* dormitou pelo restante da década de 1980. Em 1992, a prefeitura da cidade de Santiago de Compostela, Espanha, convidou-o para uma apresentação da Missa na catedral do santuário, como parte das comemorações do descobrimento da América. Inicialmente ele quis recusar o convite, pois teve receio de ter sua obra novamente interdita. A solução foi realizar a celebração do lado de fora da catedral, na praça considerada o ponto de chegada dos peregrinos medievais.

Acontecimentos simultâneos ajudariam a resolver definitivamente o impasse da celebração da Missa. Nessa mesma época, estava-se celebrando o Encontro de Santo Domingo (1992), de que já tratamos. E assim chegamos à celebração da Missa no ano de 1995, no *Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida*, em Aparecida, SP, que contou com a autorização do bispo local, chegando Milton a carregar

a imagem de N. Sra. Aparecida, o que demonstrava o apreço que a Missa passara a despertar os administradores do santuário. Segundo Maria Dolores, Milton Nascimento, empurrado e agarrado pelos devotos, teria tido uma experiência mediúnica, percebendo a presença de entidades entre a multidão. De qualquer forma, o relato comprova a emoção por que ele passou nesse momento, superando a frustração sentida em 1982 com a proibição da Missa.

Podemos dizer que a trajetória da Missa é reveladora, pois demonstra as transformações pelas quais Milton Nascimento, o Brasil e a Igreja Católica Apostólica Romana passaram entre os anos 70 e 90 do século XX. De uma liturgia condenada, a Missa passou a ser a precursora de uma proposta de síntese da mensagem cristã e da herança cultural africana.

Mas é preciso esclarecer que o desafio da inculturação da Igreja ainda está em aberto. A celebração da Missa em 1995 mostrou que só se conseguirá aprovação local dada pelo bispo da diocese onde ela for celebrada. Para se levantar a sanção de 1982, seria preciso que a CNBB abrisse o processo para dotar a Missa como liturgia válida para todo o território nacional, o que exigiria nova apreciação da Sagrada Congregação para os Ritos. Resta saber se a CNBB e Milton Nascimento teriam interesse em retomar o projeto.

Durante sua visita a São Paulo, o papa Bento XVI reafirmou a necessidade de se inculturar o Evangelho

perante as culturas latino-americanas, dentro de uma tradição que remontaria à própria evangelização do continente. Segundo Bento XVI (2007, p. 102-103):

*A fé em Deus animou a vida e a cultura destes povos durante mais de cinco séculos. Do encontro dessa fé com as etnias originárias nasceu a rica cultura cristã deste Continente expressada na arte, na música, na literatura e, sobretudo, nas tradições religiosas e na idiossincrasia de seus povos, unidas a uma mesma história e de um mesmo credo, e formando uma grande sintonia na diversidade de culturas e de línguas. Na atualidade, essa mesma fé deve enfrentar sérios desafios, pois estão em jogo o desenvolvimento harmônico da sociedade e a identidade católica de seus povos.*

*A respeito disso, a V Conferência Geral vai refletir sobre esta situação para ajudar os fiéis cristãos a viverem sua fé com alegria e coerência, a tomarem consciência de ser discípulos e missionários de Cristo, enviados por ele ao mundo para anunciar e dar testemunho de nossa fé e amor.*

Conciliar a universalidade do Evangelho com a particularidade das culturas é o desafio colocado perante duas propostas aparentemente irreconciliáveis: o conceito de universalidade do catolicismo em seu projeto ecumênico centrado na figura do sucessor de Pedro Apóstolo – o Papa (em último caso,

propondo a conversão ao catolicismo como meta da unidade dos cristãos); e a exigência de se produzirem particularidades na missão, na catequese e na liturgia nos diversos países, povos e localidades. Não é possível excluir as duas propostas, ou uma delas. Esses são os pontos em aberto sobre os quais a teologia, a filosofia e as ciências humanas devem refletir. Eis o desafio que D. Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra e Milton Nascimento nos puseram há quase 30 anos, e que o papa Bento XVI, em visita ao Brasil, novamente colocou em pauta.

## Referências

- BENTO XVI. **Palavras do Papa Bento XVI no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 102-103.
- BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem** – histórias do Clube da Esquina. 4 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. **A reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao “Modernismo” dentro de seus seminários nas décadas de 1950 e 1960**. 2005. Dissertação (Mestrado em teologia) - Mackenzie, São Paulo.
- CHAUÍ, Marilena. **Seminários**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 75-90.
- DOLORES, Maria. **Travessia** – a vida de Milton Nascimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAUSTINO, Evandro. **O renitente catolicismo popular**. 1996. Tese (Doutoramento em História) - FFLCH-USP, São Paulo.
- HOORNAERT, Eduardo. A Missa dos quilombos chegou tarde demais? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes. v. 41, fasc. 164, dez. 1981.
- \_\_\_\_\_. **História da Igreja no Brasil** – ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II. 3 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1 e 2, 1991.
- MAIA, Tim. Tim Maia racional. **Trama**, Rio de Janeiro, v. 1, 2006, 1 cd (ca. 40 min), digital estéreo.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916 – 1985)**. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989, 127-187.
- NAPOLITANO, M. Engenheiros das almas ou vendedores de utopia? A inserção do artista intelectual engajado no Brasil dos anos 1970. In: **Seminário 1964/2004: 40 anos do golpe militar**, v. 1, 2004, Rio de Janeiro. Anais do seminário 1964-2004: 40 Anos do Golpe - Ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7 Letras, 2004, p. 309-321.
- NASCIMENTO, Milton. Clube da Esquina 2. **EMI-Odeon**, Rio de Janeiro, 1994, 2 cds. (ca. 60 min), digital estéreo, LP.
- \_\_\_\_\_. Milton Nascimento. **Universal Music**, Rio de Janeiro, 2002, 1 cd. (ca. 45 min.), digital, estéreo.
- \_\_\_\_\_. Missa dos Quilombos. **EMI-Odeon**, Rio de Janeiro, 1995, 1 cd. (ca. 60 min), digital estéreo.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense,

1988.

PAULO VI. **Carta encíclica Evangelii nuntiandi**. 14 ed. São Paulo: Paulinas, 1999, n. 20.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E OS RITOS. Carta a D. Ivo Lorscheiter – Roma, 2 mar. 1982, n. 1649/81. **Comunicado Mensal da CNBB n. 354**. mar. 1982, p. 258.

\_\_\_\_\_. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. São Paulo: Paulinas, 1984.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX – a Reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.